A EUCARISTIA: MEMORIAL E PRESENÇA

Os cristãos celebraram a Eucaristia desde as origens sempre da mesma forma, na sua substância, e não mudou através da grande diversidade dos tempos e das liturgias, é porque sabem que estão ligados pela ordem do Senhor, dada na véspera da sua paixão: *«Fazei isto em memória de Mim» (1 Cor* 11, 24-25).

Celebrando o *memorial do Seu sacrifício,* o pão e o vinho, pelo poder do Espírito Santo e pelas palavras de Cristo, se transformam no corpo e no sangue da Cristo. O sacramento da Eucaristia é a presença real de Cristo. Esta transformação misteriosa é chamada: transubstanciação.

1360. A Eucaristia é um sacrifício de acção de graças ao Pai, uma bênção pela qual a Igreja exprime o seu reconhecimento a Deus por todos os seus benefícios, por tudo o que Ele fez mediante a criação, a redenção e a santificação. Eucaristia significa, antes de mais, *«acção de graças»*.

1361. A Eucaristia é também o sacrifício de louvor, pelo qual a Igreja canta a glória de Deus em nome de toda a criação. Este sacrifício de louvor só é possível através de Cristo: Ele une os fiéis à sua pessoa, ao seu louvor e à sua intercessão, de maneira que o sacrifício de louvor ao Pai ë oferecido *por* Cristo e *com* Cristo, para ser aceite *em* Cristo.

O MEMORIAL SACRIFICIAL DE CRISTO E DO SEU CORPO, A IGREJA

1362. A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo, a atualização e a oferenda sacramental do seu único sacrifício, na

liturgia da Igreja que é o seu corpo. Em todas as orações eucarísticas encontramos, depois das palavras da instituição, uma oração chamada *anamnese* ou memorial.

1363. Na Sagrada Escritura, o *memorial* não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado. Na celebração litúrgica, eles tomam-se de certo modo presentes e atuais. É assim que Israel, sempre que celebrar a Páscoa, os acontecimentos do Êxodo tornam-se presentes à memória dos crentes, para que conformem com eles a sua vida.

1364. Quando a Igreja celebra a Eucaristia, faz memória da Páscoa de Cristo, e esta torna-se realmente presente: o sacrifício que Cristo ofereceu na cruz uma vez por todas, continua sempre actual:

> *«Todas as vezes que no altar se celebra o sacrifício da cruz, no qual Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, realiza-se a obra da nossa redenção»* (*Lumen Gentium*, 3).

1365. O memorial da Páscoa de Cristo, *a Eucaristia é também um sacrifício.* Na Eucaristia, Cristo dá aquele mesmo corpo que entregou por nós na cruz, aquele mesmo sangue que *«derramou por muitos em remissão dos pecados» (Mt* 26, 28).

O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são *um único sacrifício:*

> *«É uma só e mesma vítima e Aquele que agora Se oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora Se ofereceu a Si mesmo na cruz; só a maneira de oferecer é que é diferente».* E porque *«neste divino sacrifício, que se realiza na missa, aquele mesmo Cristo, que a Si mesmo Se ofereceu outrora de modo cruento sobre o altar da cruz, agora está contido e é imolado de modo incruento [...], este sacrifício é verdadeiramente propiciatório»* (Concílio de Trento, DS 1743).

1368. Na Eucaristia, o sacrifício de Cristo torna-se também o sacrifício dos membros do seu corpo. A vida dos fiéis, o seu louvor, o seu sofrimento, a sua oração, os seus trabalhos unem-se aos de Cristo e à sua oblação total, adquirindo assim um novo valor. O sacrifício de Cristo presente sobre o altar proporciona a todas as gerações de cristãos a possibilidade de se unirem à sua oblação.

> *«Seja tida como legítima somente aquela Eucaristia que é presidida pelo bispo ou por quem ele encarregou»* (Santo Inácio de Antioquia).

> *«É pelo ministério dos presbíteros que o sacrifício espiritual dos fiéis se consuma em união com o sacrifício de Cristo. Mediador único, que é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental, pelas mãos deles, em nome de toda a Igreja, até quando o mesmo Senhor voltar»* (Presbiterorum ordinis, 2).

À oblação de Cristo unem-se não só os membros que estão ainda neste mundo, mas também os que já estão *na glória do céu:* é em comunhão com a santíssima Virgem Maria e fazendo memória d'Ela, assim como de todos os santos e de todas as santas, que a Igreja oferece o sacrifício eucarístico. Na Eucaristia, a Igreja, com Maria, está como que ao pé da cruz, unida à oblação e à intercessão de Cristo.

O sacrifício eucarístico é também oferecido *pelos fiéis defuntos, «que morreram em Cristo e não estão ainda de todo purificados»* para que possam entrar na luz e na paz de Cristo:

> *«Enterrai este corpo não importa onde! Não vos dê isso qualquer cuidado! Tudo o que vos peço é que vos lembreis de mim diante do altar do Senhor, onde quer que estejais»* (Santo Agostinho, Confissões, 9).

A PRESENÇA DE CRISTO PELO PODER DA SUA PALAVRA E DO ESPÍRITO SANTO

1373. *«Jesus Cristo, que morreu, que ressuscitou, que está à direita de Deus, que intercede por nós» (Rm* 8, 34), está presente na sua Igreja de múltiplos modos: na sua Palavra, na oração da sua Igreja, *«onde dois ou três estão reunidos em Meu nome» (Mt* 18, 20), nos pobres, nos doentes, nos prisioneiros (Mt 25, 31-46), nos seus sacramentos, dos quais é o autor, no sacrifício da missa e na pessoa do ministro. Mas está presente *«sobretudo sob as espécies eucarísticas»* (*Sacrosanto Concilio, 7*).

1374. O modo da presença de Cristo sob as espécies eucarísticas é único. Ele eleva a Eucaristia acima de todos os sacramentos e faz dela «como que a perfeição da vida espiritual e o fim para que tendem todos os sacramentos».

O Concilio de Trento, no Decreto sobre a Eucaristia afirma que neste santíssimo Sacramento estão «contidos, *verdadeira, real e substancialmente, o* corpo e o sangue, conjuntamente com a alma e a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, *Cristo completo».* Esta presença chama-se «presença real», não a título exclusivo como se as outras presenças não fossem "reais", mas por excelência, porque é *substancial,* e porque por ela se torna presente Cristo completo, Deus e homem» (Paulo VI, *Misterium Fidei*, 57).

1375. É pela *conversão* do pão e do vinho no corpo e no sangue de Cristo que Ele Se torna presente neste sacramento. Os Padres da Igreja proclamaram com firmeza a fé da mesma Igreja na eficácia da Palavra de Cristo e da acção do Espírito Santo, para operar esta conversão. Assim, São João Crisóstomo declara:

> *«Não é o homem que faz com que as coisas oferecidas se tomem corpo e sangue de Cristo, mas o próprio Cristo, que foi crucificado por nós. O sacerdote, figura de Cristo, pronuncia estas palavras, mas a sua eficácia e a graça são de*

Deus. Isto é o Meu corpo, diz ele. Esta palavra transforma as coisas oferecidas»

E Santo Ambrósio diz a respeito da mesma conversão:

«Estejamos bem convencidos de que isto não é o que a natureza formou, mas o que a bênção consagrou, e de que a força da bênção ultrapassa a da natureza, porque pela bênção a própria natureza é mudada ... A Palavra de Cristo, que pôde fazer do nada o que não existia, não havia de poder mudar coisas existentes no que elas ainda não eram? Porque não é menos dar às coisas a sua natureza original do que mudá-la» (*De Misteriis*, 9, 50.52).

O Concílio de Trento resume a fé católica declarando:

«Porque Cristo, nosso Redentor, disse que o que Ele oferecia sob a espécie do pão era verdadeiramente o seu corpo, sempre na Igreja se teve esta convicção que o sagrado Concílio de novo declara: pela consagração do pão e do vinho opera-se a conversão de toda a substância do pão na substância do corpo de Cristo nosso Senhor, e de toda a substância do vinho na substância do seu sangue; a esta mudança, a Igreja católica chama, de modo conveniente e apropriado, transubstanciação» (Concílio de Trento, *Decreto sobre a SS. Eucaristia*, 4).

1377. A presença eucarística de Cristo começa no momento da consagração e dura enquanto as espécies eucarísticas subsistirem. Cristo está presente todo em cada uma das espécies e todo em cada uma das suas partes, de maneira que a fracção do pão não divide Cristo (Concílio de Trento, *Decreto sobre a SS. Eucaristia*, 3).

1378. O *culto da Eucaristia.* Na liturgia da Missa, nós exprimimos a nossa fé na presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho, entre outras maneiras, ajoelhando ou inclinando-nos profundamente em sinal de adoração do Senhor.

«A Igreja Católica sempre prestou e continua a prestar este culto de adoração que é devido ao sacramento da Eucaristia, não só durante a missa, mas também fora da sua celebração: conservando com o maior cuidado as hóstias consagradas, apresentando-as aos fiéis para que solenemente as venerem, e levando-as em procissão» (Paulo VI, *Misterium fidei*, 57).

1379. A sagrada Reserva (sacrário) era, ao princípio, destinada a guardar, de maneira digna, a Eucaristia, para poder ser levada aos doentes e ausentes, fora da missa. Pelo aprofundamento da fé na presença real de Cristo na sua Eucaristia, a Igreja tomou consciência do sentido da adoração silenciosa do Senhor, presente sob as espécies eucarísticas, por isso que o sacrário deve ser colocado num lugar particularmente digno da igreja; deve ser construído de tal modo que sublinhe e manifeste a verdade da presença real de Cristo no Santíssimo Sacramento.

1380. É de suma conveniência que Cristo tenha querido ficar presente à sua Igreja deste modo único. Uma vez que estava para deixar os seus sob forma visível, Cristo quis dar-nos a sua presença sacramental; e visto que ia sofrer na cruz para nos salvar, quis que tivéssemos o memorial do amor com que nos amou «até ao fim» *(Jo* 13, 1), até ao dom da própria vida. Com efeito, na sua presença eucarística, Ele fica misteriosamente no meio de nós, como Aquele que nos amou e Se entregou por nós (Gal 2, 20), e permanece sob os sinais que exprimem e comunicam este amor:

«A Igreja e o mundo têm grande necessidade do culto eucarístico. Jesus espera-nos neste sacramento do amor. Não regateemos o tempo para estar com Ele na adoração, na contemplação cheia de fé e disposta a reparar as faltas graves e os pecados do mundo. Que a nossa adoração não cesse jamais» (João Paulo II, *Dominicae Cenae*, 3).

São Tomás de Aquino afirma: *«A presença do verdadeiro corpo e do verdadeiro sangue de Cristo neste sacramento, não a apreendemos pelos sentidos, mas só pela fé, que se apoia na autoridade de Deus».* (*Summa Teológica*, 4, q. 75 a.1)

São Cirilo de Alexandria, comentando o texto de São Lucas, *«Isto é o Meu corpo que será entregue por vós»* (22, 19), declara: *«Não vás agora perguntar-te se isso é verdade; mas acolhe com fé as palavras do Senhor, porque Ele, que é a verdade, não mente»* (Comentário ao Evangelho de Lucas, 22,19):